

ANAIS DO  
VIII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

# A PROPRIEDADE RURAL

VOLUME I

LXIV  
Coleção da *Revista de História*  
Sob a direção do Professor  
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL  
1976

## A PROPRIEDADE RURAL NA OBRA DE GEORGE ELIOT (\*).

---

**RINA AZARYAH BARRETO NUNES**  
do Instituto de Letras, Artes e Comunicação da Uni-  
versidade Federal de Sergipe.

“Toda literatura”, dizia Goethe, “experimenta periodicamente a necessidade de voltar-se para o estrangeiro”. É desta necessidade que surge, por um lado, a renovação de correntes e, por outro, a possibilidade de delimitar assuntos que são objeto de estudo de disciplinas ainda não definitivamente estruturadas como a literatura comparada e a sociologia da literatura.

Com o desenvolvimento da tecnologia em geral, é forçoso reconhecermos uma tendência de imprimir a todos os assuntos e disciplinas um caráter eminentemente científico, possibilitando uma comprovação matemática das conclusões apresentadas.

Não obstante tal tendência científica, poderíamos afirmar, mesmo sem nos aprofundarmos nesta análise, que à própria natureza dos fatos literários se deve a dificuldade de estabelecer a legitimidade quanto às correntes que se debatem para delimitar as fronteiras precisas do relacionamento dos fatos literários com as demais fontes científicas.

Eis por que não nos cabe equacionar os dados porventura aqui apresentados, pois que a exposição visa tão somente a focalizar pontos fundamentais numa mais ampla perspectiva histórica, na qual ganham interesse todos os dados que possamos obter sobre as características culturais da sociedade rural.

Estas características, seguindo-se uma análise minuciosa em todos os detalhes, divergem muito segundo as épocas e lugares diversos

---

(\*) . — Comunicação apresentada 2ª Sessão de Estudos, Equipe A no dia 5 de setembro de 1975 (*Nota da Redação*).

Importa-nos, porém, avaliar os pontos fundamentais a serem identificados nos diversos elementos desta sociedade.

Uma das fontes de maior interesse, ao nosso alcance, encontra-se na leitura das obras de George Eliot, mormente aquelas de sua primeira fase, na qual a romancista vivifica sua profunda e pensada experiência pessoal no meio rural, tais como o *Adam Bede*, *The Mill on the Floss* e *Silas Marner*.

Interessa-nos constatar que a produção de tais obras só aparece na vida de Mary Ann Evans quando esta atingia a faixa dos 40, tendo sido as mesmas publicadas a partir de 1859, distanciadas de um ano, sob o pseudônimo de George Eliot. Tais fatos nos levam a observar dois aspectos importantes, quais sejam, a insegurança que cercava o trabalho intelectual feminino, na opinião da novelista, mesmo na época vitoriana, tão ligada à nossa, bem como o entrelaçamento de dois pontos de vista na narração, em todos os episódios ligados à experiência rural da escritora, sendo um deles o ponto de vista vivencial da personagem nos períodos da infância e da adolescência, ligados à região rural de Warwickshire, e o segundo, o ponto de vista do narrador, ciente de sua maturidade e reflexão.

Em todos esses romances mencionados é o cenário rural que surge diante de nós, evocado num estilo vigoroso, do qual contudo se depreende o amor pelas coisas rústicas *which never betrayed her*, tornando-se quase um símbolo.

Basta que comecemos a leitura de *Silas Marner* para que aquele mundo rural se apresente real diante de nós, *in the days when the spinning-wheels hummed busily in the farm-houses*.

O desenvolvimento dos personagens, através de seus livros, torna George Eliot um dos pioneiros do romance psicológico moderno, debatendo-se Maggie, personagem central de *The Mill on the Floss*, entre a força da consciência e a do amor apaixonado, numa perspectiva que levaria a autora até Henry James, Virginia Woolf, e ainda, James Joyce e Clarice Lispector.

Este aspecto atual que a sua obra adquire para nós traz um maior interesse nesta leitura, incluindo-se a obra *Middlemarch*, da segunda fase, como possivelmente a sua obra prima, na opinião de vários críticos, inclusive na da própria autora.

A soma de todos estes fatores imprime, portanto, um interesse atualizado pela sua obra completa, ao qual se acresce um relacionamento da mesma com as obras do ciclo nordestino, tais como *Fogo Morto*.

Citaremos a seguir mais uma passagem de seu livro *Silas Marner*, no primeiro capítulo. Descreve George Eliot:

“As pessoas eram enraizadas no lugar. Do contrário, a superstição, o receio cercava o tipo de pessoa intermitente, que aparecia ocasionalmente” (“*No one knew where wandering men had their homes or their origin, and how was a man to be explained unless you knew his father and mother? To the peasants of old times the world outside their own direct experience was a region of vagueness and mystery*”).

Fica evidenciada a importância da família numa maneira clarividente — eis os aspectos circunstanciais do drama de *Silas Marner*, o tecelão, apresentado com *equal play of humor*.

É, porém, em *The Mill on the Floss* que vamos encontrar a família Tulliver, a do mestre moleiro, da qual se destacam Tom e Maggie, irmãos, personagens centrais, interessando-nos particularmente a primeira parte do romance, *Boy and Girl*, que retrata singularmente a infância da própria escritora numa dimensão artística e histórica que lhe dá autenticidade e beleza poética. Esta opinião é sustentada por vários críticos e escritores como Dickens, quase contemporâneo, pois que já atingira o apogeu quando George Eliot iniciava sua carreira, com *Scenes of Clerical Life* em 1858. Já em nossa época, Virginia Woolf afirmava que Maggie Tulliver era a personagem na qual a escritora se revelava mais claramente. O crítico americano W. C. Brownell considerava *The Mill on the Floss* como *one of the great literary epitomes of the pathos and tragedy of human existence*.

Assim, o livro encerra três aspectos fundamentais — romance rústico, trágico e autobiográfico. É possível que seja precisamente a fusão destes três aspectos numa atmosfera artisticamente sustentada que lhe confira tanto interesse.

Ao folhearmos as primeiras páginas de *The Mill on the Floss*, a romancista declara: Eis *Dorlcote Mill*. E surge logo a figura do moinho: *brings a dreamy deafness*. Aquele som distante do moinho perdido no passado nos envolve sutilmente. *The sounds of silence* são rompidos pelo som compassado da carroça que passa. É neste ambiente que encontramos Mr. Tulliver, o mestre moleiro, integrado na sociedade rural, acatado pelo meio social, dentro de um clima de respeito mútuo.

A infância decorria serena junto ao riacho “e estar à beira do lago parecia um pedaço do céu. *And the mill with its booming*”. Neste ce-

nário rural — *what novelty is worth that sweet monotony where everything is known and loved because it is known?* — surge a figura de Mrs. Tulliver, educada nos rígidos padrões vitorianos, com excelentes prendas domésticas, pertencente à tradicional família dos Dodsons, a cujo respeito dizia a serviçal:

“É um orgulho servir a uma patroa, senhora da arte da pastelaria”.

Ela se sentia respeitável, pois suas tortas eram famosas e a roupa estava sempre em ordem, e era assim aceita. Tom, o filho, limitado, objetivo, senhor de si. Maggie, temperamental, vibrante, intuitiva. A vida decorre serena. *And the mill with its booming*. Ambos tentam uma educação escolástica com preceptores, sendo Maggie quem mais se destaca.

Em *Book Third, The Downfall*, dá-se a catástrofe. Mr. Tulliver perde a propriedade do moinho.

“And Mr. Tulliver, you perceive though nothing more than a superior miller and a malster was as proud and obstinate as if he had been a very lofty personage. The pride and obstinacy of millers, and other insignificant people, whom you pass unnoticingly on the road every day”.

A tragédia se abate sobre a família, evidenciando a tremenda importância da propriedade rural na vida dos Tulliver. A reação de Mrs. Tulliver sublinha a tragédia pois a sua mente não pode abarcar além da perda de seu enxoval, de sua prataria, de seus lençóis bordados à mão, de seus aparelhos de louça fina.

Evidencia-se o talento de George Eliot em imprimir a este cenário rural toda a *tragedy and pathos of Life*. Maggie se esfacela. Tom se concentra e dá um sentido íntegro à sua reação. *The faithful representing of commonplace things* torna a figura do mestre moleiro, arraigada em seu *métier* próprio, indelevel, símbolo de um *status quo*, impregnado de dignidade humana, posição definida na estrutura rural, dando-nos a visão do homem em luta com o meio. É inegável que tal visão *stirs yours sympathy with commonplace troubles*.

\* \* \*

### INTERVENÇÃO.

Da Prof.<sup>a</sup> Eloina Monteiro da Silva (Universidade Federal do Amazonas).

Pergunta:

“O que conduz à criação de obras literárias? Seria uma intuição?”



RESPOSTA DA PROFESSORA RINA AZARYAH BARRETO NUNES.

À Prof.<sup>a</sup> *Eloina Monteiro da Silva*.

Respondeu:

“A intuição, ou seja *insight* é, na verdade, um dos elementos mais diretamente ligados à criação de obras literárias, pois o escritor deve apresentar ao leitor uma visão pessoal do mundo, da realidade que o cerca. A partir desta visão, quer ela seja verdadeira, ou não, dá-se a possibilidade da criação artística, e podemos até ir além e afirmar que esta *intuição* pessoal pode expressar-se não só em palavras, como em canções, sons, imagens ou esculturas. É indispensável, porém, que à intuição se juntem vários outros fatores aos poucos, no cadinho do subconsciente, acrescentados no decorrer da experiência pessoal e da atividade mental do artista, que organiza tal criação em forma artística capaz de dar-lhe sobrevivência. A fusão desses elementos corresponde a um *blending* que ultrapassa os limites puramente racionais, razão pela qual podemos afirmar que *science is sight, art, insight*.